

## Mapping report: 20 anos de impunidade no Congo

- 10 anos de conflito
- 617 incidentes ou crimes assimiláveis a crimes de guerra, crimes contra a humanidade e violações do direito humanitário internacional
- Nenhum nome de responsáveis tornado público
- Nenhum processo judicial

No fim de 2005, três valas comuns são descobertas a leste. Em Junho de 2006, as Nações Unidas anunciam pela primeira vez, num relatório ao Conselho de Segurança, a sua intenção de enviar uma equipa de especialistas em Direitos Humanos à RDC para elaborar o inventário de crimes cometidos no Congo, durante as duas guerras.

### A ler ou a reler: RDC: um relatório da ONU faz o inventário de 10 anos de crimes

<http://www.rfi.fr/afrique/20100826-rapport-onu-fait-inventaire-10-ans-crime-rdc>

De Outubro de 2008 a Maio de 2009, 33 funcionários das Nações Unidas, congolese e internacionais, trabalham neste projecto. O relatório do *Projet «Mapping»* tem mais de 550 páginas e inclui uma descrição de 617 incidentes violentos ocorridos entre Março de 1993 e Junho de 2003: crimes de guerra, crimes contra a humanidade, violações do direito humanitário internacional. Estes 617 incidentes conduzem a processos judiciais, segundo a ONU. Mas a impunidade perdura.

<http://www.ohchr.org/FR/Countries/AfricaRegion/Pages/RDCProjetMapping.aspx>

Cinco anos depois da publicação do «Mapping report», o governo congolês promete ainda a instalação de secções especializadas. A lei que deveria instaurá-las está bloqueada, segundo as autoridades, por problemas técnicos. Mas ainda hoje nada está em tribunais e ainda menos a ser investigado.

<http://www.rfi.fr/afrique/20141004-mapping-report-onu-obstacles-creation-chambres-specialisees>

O «Mapping report» é já um primeiro passo depois de anos de silêncio. Os crimes de que fala este relatório da ONU eram conhecidos, no essencial. Eles deixaram vestígios e dizem respeito, num primeira instância, aos exércitos ruandeses e ugandeses. É por este motivo que os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, nomeadamente, tinham abafado até então, uma a uma, as investigações. Uma impunidade da qual beneficiou sobretudo o Ruanda, considerado como uma «success story» económica depois do drama do genocídio.

O Alto-comissário das Nações Unidas para os direitos humanos nunca publicou a lista de oficiais e personalidades políticas responsáveis por estes crimes.

A 8 de Março de 2016, o Doutor Denis Mukwege (ginecologista congolês de Bukavu, director do hospital Panzi que trata mulheres violadas no Sul-Kivu) entrega uma carta no Alto-comissariado das Nações Unidas para os direitos humanos. Está assinada por cerca de 200 ONG, nacionais e internacionais. Reclama a publicação da base de dados identificando os principais responsáveis dos crimes descritos no «Mapping report».

*«Queremos que os responsáveis políticos e militares destes crimes de guerra e destes crimes contra a humanidade respondam pelos seus actos diante da justiça, independentemente do seu posicionamento político e da função que ocupam hoje.»* - Extracto da carta aberta das cerca de 200 ONG ao Alto-comissário da ONU para os direitos humanos, 8 de Março de 2015

### **A ler: Carta aberta: Stop à impunidade**

<http://www.acatfrance.fr/actualite/lettre-ouverte-des-ong-congolaises-et-internationale-aux-nations-unies---stop-a-l-impunite>

O Alto-Comissariado das Nações Unidas pelos Direitos Humanos justifica a conservação da confidencialidade dos nomes dos autores destes crimes pelo risco que esta publicação poderia causar às vítimas e aos testemunhos.

© Sonia Rolley

